

**DIFUSÃO DE SINAIS PARA OS POLOS DO CURSO DE PEDAGOGIA A  
DISTÂNCIA DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS**

**DIFFUSION OF SIGNS FOR THE CENTERS OF THE DISTANCE-LEARNING  
PEDAGOGY COURSE AT THE NATIONAL INSTITUTE OF EDUCATION  
FOR THE DEAF**

Luciane Cruz Silveira

Instituto Nacional de Educação de Surdos

**Resumo:** A Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida pela Lei 10436/02 como o meio de comunicação dos surdos, está cada vez mais presente no meio acadêmico. A Libras, que tem sua estrutura e gramática próprias, torna-se reconhecida legalmente. Com a necessidade de lidar com termos complexos nesse ambiente, surge a demanda por sinais que facilitem a compreensão do conteúdo pelos estudantes. O presente trabalho analisa os sinais de 13 polos em todo o Brasil. Este estudo tem como objetivo demonstrar como as interações dos alunos do curso de pedagogia a distância do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) nos polos podem resultar na difusão de sinais em Libras, mantendo fidelidade à sua estrutura gramatical. Os resultados evidenciaram que a difusão de sinais demanda uma colaboração coletiva que engloba a comunidade linguística surda, estudantes, professores e intérpretes. Com o progresso tecnológico, torna-se viável a criação de registros em vídeo que preservem tanto as narrativas culturais transmitidas oralmente quanto as expressas por meio de sinais. Através dessas gravações, é possível documentar não apenas a língua de sinais, mas também a sua rica cultura linguística. (PELUSO, 2018).

**Palavras-chave:** Libras. Difusão de Sinais. Polos. Curso de Pedagogia.

**Abstract:** The Brazilian Sign Language (Libras), recognized by Law 10436/02 as the means of communication for the deaf, is increasingly present in the academic world. Libras, which has its own structure and grammar, becomes legally recognized. With the need to deal with complex terms in this environment, there is a demand for signs that make it easier for students to understand the content. This work analyzes the signals from 13 poles across Brazil. This study aims to demonstrate how the interactions of students on the distance pedagogy course at the National Institute of Education for the Deaf (INES) at the centers can result in the diffusion of signs in Libras, maintaining fidelity to its grammatical structure. The results showed that the diffusion of signs demands collective collaboration that encompasses the deaf linguistic community, students, teachers and interpreters. With technological progress, it becomes feasible to create video records that preserve both cultural narratives transmitted orally and those expressed through signs. Through these recordings, it is possible to document not only sign language, but also its rich linguistic culture. (PELUSO, 2018).

**Keywords:** Libras. Signal Diffusion. Poles. Pedagogy Course.

**Submetido em 22 de abril de 2024.**

**Aprovado em 20 de dezembro de 2024.**

## 1. Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) recebeu oficialmente o reconhecimento da Lei nº 10.436, de 2002 e foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 2005, ganhando cada vez mais destaque no meio acadêmico. Isso é especialmente evidente com a abordagem bilíngue, que preconiza que os surdos sejam alfabetizados na sua primeira língua - a Libras - ao mesmo tempo em que aprendem a língua escrita do país como sua segunda língua.

A Libras tem características próprias das línguas visuais, e é menos influenciada pela Língua Portuguesa, já que essa língua de sinais possui uma estrutura gramatical, semântica e sintática própria. Desta feita, os próprios membros da comunidade surda criam sinais usados dentro de seus grupos, incluindo sinais para universidades, assim como sinais específicos dos polos.

As diretrizes, com destaque para os cinco parâmetros da Libras, devem obedecer às regras gramaticais, além de serem avaliadas quanto à sua compreensibilidade pelos surdos e se o sinal já possui algum significado. É sempre recomendável contar com a colaboração de surdos fluentes em Libras, de preferência com conhecimentos em Linguística. Contudo, a validação do sinal e sua aceitação pela comunidade surda podem ser processos demorados. É crucial que os sinais sejam utilizados e reconhecidos pela comunidade linguística surda para sua validação.

A soletração manual pode ser considerada uma alternativa viável para designar polos, mas, especialmente em situações envolvendo nomes extensos ou palavras complexas, pode ser de difícil compreensão, evidenciando a grande necessidade de criar sinais específicos. O objetivo deste estudo é examinar, por meio da coleta de dados, a utilização de sinais pela comunidade surda para se referir aos polos do curso de pedagogia a distância do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Cabe registrar que o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) começou a oferecer, no começo de 2018, o Curso de Pedagogia<sup>1</sup>, na modalidade de Educação a

---

<sup>1</sup> O curso de licenciatura EaD de pedagogia promove a interação e formação de futuros professores e proporciona o ensino de práticas que serão produzidas em sala de aula futuramente. O curso é pensado em várias perspectivas para o desenvolvimento pedagógico em várias áreas. A EaD possui grande potencialidade, mas perpassa atualmente por muitos desafios relacionados ao estímulo de uma educação de qualidade, seguindo as atualizações que são necessárias para contribuir (papel de construção) com as mudanças na sociedade, para assim, atendê-las.

Distância (EaD), numa perspectiva bilíngue para surdos e ouvintes, nas cinco macrorregiões do Brasil, por meio de 13 pólos.

### 1. Libras na história

A luta dos surdos pelo reconhecimento de sua língua e, conseqüentemente, de sua identidade, é histórica e, quase sempre, aconteceu na área educacional, haja vista que na área médica encara os surdos como pessoas com deficiência e não como uma minoria linguística que precisa de reconhecimento e valorização. A investigação sobre a Língua de Sinais nas comunidades surdas teve início na década de 1960 com o surgimento da abordagem da Comunicação Total, que preconizava o uso de todos os recursos disponíveis para facilitar a comunicação.

Certamente, a pesquisa do linguista William Stokoe sobre a *American Sign Language* (ASL) foi um marco para o desenvolvimento de pesquisas sobre outras línguas de sinais. Segundo Lacerda (1998):

(...) a primeira caracterização de uma língua de sinais usada entre pessoas surdas se encontra nos escritos de L'Épée. Muito tempo passou até que o interesse pelo estudo das línguas de sinais de um ponto de vista linguístico fosse despertado novamente, o que ocorreu com os estudos de Willian Stokoe em 1978 (LACERDA, 1998, p. 75).

Em sua empreitada de descrição das estruturas linguísticas da ASL, como afirma Lacerda (1998):

Stokoe propôs também em sua análise que um sinal pode ser decomposto em três parâmetros básicos: O lugar no espaço onde as mãos se movem, a configuração da(s) mão(s) ao realizar o sinal e o movimento da(s) mão(s) ao realizar o sinal, sendo estes então os “traços distintivos” dos sinais. Esses estudos iniciais e outros que vieram após o pioneiro trabalho de Stokoe revelaram que as línguas de sinais eram verdadeiras línguas, preenchendo em grande parte os requisitos que a linguística de então colocava para as línguas orais. (LACERDA, 1998, p.75).

Segundo Stokoe (1960), uma língua de sinais pode ser considerada uma Língua, pois possui, entre outras partes, uma sintaxe. Foi Stokoe, com a sua apresentação da ASL, que possibilitou uma avalanche de estudos sobre as línguas de sinais, tendo a Linguística importância relevante na inclusão dos surdos e das línguas de sinais nos estudos das ciências sociais. Afinal, como já apontado, nos séculos XVIII e XIX, existia uma visão humanista da surdez, mas, após esse período, ela foi ligada ao discurso médico, como

uma patologia passível de cura. A educação de surdos passou a adotar o oralismo, na educação especial, e o discurso médico prevaleceu, fazendo com que essa questão fosse abandonada pelas ciências sociais.

Vemos um grande avanço nas descrições das línguas de sinais depois de Stokoe, tanto externa, em extensão geográfica, quanto internamente, ampliando seus domínios no interior da própria Linguística. Esse movimento em prol das descrições linguísticas de línguas de sinais também pode ser observado no nosso país.

Na década de oitenta, são iniciadas as discussões acerca da Educação Bilíngue de Surdos no Brasil. Os estudos sobre a língua de sinais usada pela comunidade surda brasileira surgiram a partir de estudos da linguista Lucinda Ferreira Brito, na década de 1980, que analisou aspectos gramaticais da Língua de Sinais. Era denominada “língua de sinais dos centros urbanos brasileiros (LSCB)” (BRITO, 1983). Apesar dos trabalhos de Brito, realizados à época, usarem a designação LSCB, e outros pesquisadores usarem LSB, segundo Campello, citando Campello, Prates e Abreu (2018), em 1987, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) <sup>2</sup>promoveu uma reunião, composta de comissão com dois surdos com formação superior e uma diretora ouvinte, que mudou o nome para Libras, denominação usada até hoje. A maioria surda aceitou a sugestão da diretora ouvinte, optando por Libras (por sua melhor sonoridade), indicando-a como escolha da liderança surda (*cf.* CAMPELO; PRATES; ABREU, 2018).

Cabe lembrar que, em seus estudos iniciais, ainda no final da década de 1970, sobre a Língua de Sinais Brito Urubu-Kaapor (LSKB), Brito (1983) esclarece que a cultura dos indígenas Urubus-Kaapor, por exemplo, demonstra a importância do bilinguismo para a vida em sociedade. Destaca-se a relevância desse valor linguístico da LSKB, uma vez que o maior problema dos surdos é o linguístico. De acordo com Quadros (2017, p. 44),

[...] na língua de sinais Urubu-Kaapor, o uso do espaço parece ter uma flexibilidade bem maior do que na língua de sinais usada em São Paulo [...]. Por outro lado, ambas as línguas usam os intensificadores e os quantificadores depois do nome ou incorporados ao nome (QUADROS, 2017, p. 44).

---

<sup>2</sup> A FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que tem por finalidade a defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos. Fonte: <https://feneis.org.br> Acesso em: 06 abr 2020.

Libras é a abreviação de Língua Brasileira de Sinais e não Linguagem Brasileira de Sinais, como muitos confundem. Linguagem é uma forma de comunicação que não exige estrutura gramatical, como pinturas, dança, choro de neném, ruídos produzidos por animais e olhares. Encontramos na Libras os seis níveis linguísticos: fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático – encontrados em qualquer outra língua. Esses níveis já foram descritos por Quadros e Cruz (2011, p. 17), segundo as quais “os aspectos linguísticos das línguas de sinais apresentam análises em todos os níveis da linguística, ou seja, nos níveis fonológicos (quirológico), morfológico, sintático, semântico e pragmático.”

Em sua maioria, a Libras é a primeira língua<sup>3</sup> do surdo, sua L1. Não se trata de um sistema de gestos ou mímica, mas uma língua com todas as suas especificidades. É reconhecida como a língua da comunidade surda brasileira, apresentando algumas variantes regionais, sendo usada em todo Brasil e se mostrando diferente das línguas de sinais de outros países. É importante ressaltar que:

A maioria no mundo, há, pelo menos, uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 56).

Os avanços da sociedade civil trouxeram um olhar diferenciado sobre as minorias, por meio de muita luta e resistência, diversos grupos e coletivos minoritários tentaram (e ainda tentam) acabar com a discriminação e preconceito. Os surdos se beneficiaram com esse avanço, em especial, com os movimentos surgidos a partir da década de 1980 (BRITO, 2013), que culminaram com as políticas linguísticas relacionadas à Libras. Muito embora aconteçam até nos dias de hoje, esses avanços se dão de forma lenta, o que pouco contribuiu para o fim do preconceito linguístico em relação aos surdos, mesmo após o reconhecimento da sua Língua.

---

<sup>3</sup> Segundo Spinassé (2006, p. 5), “a Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco se trata de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade e, ao aprender as duas, o sujeito passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1”.

Vale lembrar que essas foram conquistas da comunidade surda. Para que a Libras não fosse esquecida socialmente, as associações de surdos lutaram para o oferecimento das atividades sempre em LS. As atividades festivas e esportivas foram as mais propagadoras da língua.

Convém ressaltar que é importante que todas as pessoas aprendam Libras para que haja uma real comunicação com os surdos e, assim, aconteça uma inclusão realmente efetiva em nossa sociedade. Somente assim, com a circulação da Libras nos espaços de enunciação, haverá um aumento na produção e circulação de conteúdo nessa língua.

Portanto, a introdução de um novo sinal, independentemente de sua finalidade, como no caso dos polos do curso de pedagogia a distância do INES, deve seguir as normas gramaticais e sintáticas da Libras. Após sua concepção, sua relevância deve ser avaliada por sujeitos com a língua e, além disso, ele deve ser adotado pela comunidade linguística surda. Isso não implica em uma criação autônoma ou aleatória.

## **2. Textualidade Deferida: por um registro de sinais**

Com o avanço da tecnologia podemos ter gravações de vídeos que irão manter tantos os registros de culturas orais como das sinalizadas, pois através das gravações de vídeos também é possível encontrar registros em língua de sinais e sua cultura linguística. Peluso (2018) acredita no conceito da prática pedagógica em um processo bilíngue considerando uma textualidade diferida, definida como uma forma de produção textual que pode ser considerada tanto quando se lê um texto escrito e depois sinaliza em Libras ou em vídeos em Libras.

Nessas gravações de vídeos, podem ser utilizados diversos gêneros textuais em Libras, como, por exemplo, artigos, teses, dissertações, TCC, dicionários, glossários entre outros; essa prática estimula a acessibilidade e facilita o trabalho. A textualidade diferida possibilita produções em Libras e é mais comumente usada no âmbito da educação de surdos, sociedade bilíngue e cultura. Essas produções incentivam o avanço da cultura dessa comunidade linguística, em Libras, disponibilizando materiais de fácil compreensão que contribuirão para a construção de conhecimento, trazendo mais facilidade em traduzir e interpretar o conteúdo.

A Libras é uma língua visual por meio da qual os surdos conseguem desenvolver e produzir conhecimento; contudo, existe uma variação do conhecimento da língua entre os próprios surdos. Por isso a gravação em vídeo de textos produzidos por intérpretes de

Libras, como instrumento de acessibilidade, garante uma melhor compreensão do conteúdo para os surdos. Materiais didáticos acessíveis asseguram a possibilidade da construção de conhecimento dos alunos surdos. Há o letramento em português como L2 para surdos, porém a gravação em vídeos dá autonomia para esses alunos assimilarem o texto em Libras produzido por intérpretes e darem sua resposta por escrito, sem precisar criar uma dependência de outra pessoa para executar essa atividade.

A textualidade diferida viabiliza a gravação em vídeo em Libras com facilidade para alunos surdos e esses conseguem entender os textos nessa modalidade. A Libras é desenvolvida através de experiências, práticas e estratégias pedagógicas e a gravação em vídeo faz com que esses alunos acessem de forma mais adequada textos em vídeo gravados por intérpretes. Assim sendo, trata-se de um material acessível em conformidade com uma língua visual de sujeitos surdos que terão a oportunidade de acessar informações através da prática, com imagens, vídeos e apresentação de conceitos em forma visual.

Segundo Peluso (2018), existem três tipos de textualidade diferida. A primeira utilizada em novelas com atores surdos. A segunda, em dicionários e sites. A terceira na tradução em Língua de Sinais Uruguaia (LSU) e também na modalidade escrita com registros em gravações em vídeos. Para a textualidade diferida, os registros podem ser tanto em gravações em vídeo como por gravações de voz, porém, no caso dos surdos, todos os registros são feitos através de vídeos em língua de sinais, que equivale a uma produção escrita que também faz parte desse tipo de textualidade. Na escrita, existe a preocupação da estrutura gramatical; quando se grava em voz é necessário fazer adequações para se encaixar na estrutura gramatical da modalidade escrita corretamente. O mesmo acontece na gravação em vídeo, que está em língua de sinais e no momento de transcrever na modalidade escrita também se fazem necessárias adequações que correspondam à gramática da modalidade escrita.

É possível encontrarmos registros de falas, frases ditas por autores, palestras que acontecem de forma oral, que posteriormente são registradas também na modalidade escrita e não necessariamente o que foi dito está escrito seguindo a mesma estrutura. No caso dos surdos, suas falas, frases e palestras são registradas através de gravações em vídeos, que também podem ser reproduzidas na modalidade escrita.

Em dicionários é possível encontrar registros de criações de novos sinais, seguindo sua estrutura gramatical, que é importante para sua disseminação e uso. Afinal,

sinais que não são registrados podem se perder durante o passar dos anos e seu registro pode assegurar<sup>4</sup> o seu uso.

A produção escrita tem uma visão tradicionalista que valoriza os registros para a sua perpetuação na história e por isso há quem defenda a escrita como forma de registro mais valorizada (poder político refletido na hegemonia da escrita). Atualmente existe a gravação em vídeo, que é a forma de registro mais adequada para a língua de sinais, pois a partir desses vídeos os sinais são comprovados e validados para seu uso.

Peluso (2014) fala da dificuldade da alfabetização de surdos por meios tradicionais e defende que as gravações em vídeo são recursos tecnológicos que começaram a ter aceitação e uso na comunidade surda uruguaia. Com isso, a textualidade diferida passa a ser uma possibilidade de substituição do sistema de escrita. Com o avanço da tecnologia, é possível fazer gravações em vídeos na palma da sua mão, através do celular, sempre que for necessário. O celular possibilita, acessibilidade à Internet, informações e comunicação em qualquer lugar do mundo (onde houver satélites que levem os sinais da Internet. Não generalizar). Os surdos do Uruguai foram os primeiros a utilizar a textualidade diferida que posteriormente começou a ser difundida através da tecnologia e da gravação em vídeo em língua de sinais.

No Uruguai, Peluso (2014) realizou uma pesquisa com alunos surdos e fez o registro de diversos sinais em LSU utilizando como ferramenta sua rede social no Facebook. Para ele, essa foi uma forma de quebrar as barreiras quando se pensa em formas de registros, já que a escrita não é a única forma válida e os vídeos passam a também ocupar esse lugar. Com esse movimento os alunos surdos do Uruguai passaram a cobrar que os textos tivessem suas traduções divulgadas ao mesmo tempo. Até os dias atuais existem diversos dicionários de língua de sinais e livros sobre esse tema, que estão em conformidade com as regras de gravação em vídeo, de forma acadêmica e formal, como forma de registro permanente a ser utilizado (de fato, uma organização política-linguística da parte dos surdos do Uruguai)

Pensando nas necessidades dos surdos do Uruguai, Peluso (2014) começou a pensar nas possibilidades do uso da textualidade diferida para essa comunidade

---

<sup>4</sup> Embora saibamos que constar no dicionário não garante uso perene. Afinal, os dicionários são lugares de registros consagrados, aceitos, ou seja, uma instância de poder. No caso das línguas escritas há termos que caem em desuso, mas continuam nos dicionários por algum tempo. O dicionário não é um manual de uso, mas uma instância de regulação dos termos consagrados, autorizados.



linguística, possibilitando a inserção desse sujeito que historicamente têm dificuldade da produção na modalidade escrita e passou a utilizar recursos tecnológicos para a gravação em vídeo em LSU, dessa forma a língua de sinais pode substituir a modalidade escrita. Isso começou a ser fomentado nas comunidades surdas do mundo, que aceitou bem essa forma de produção textual. Afinal, na atualidade, muitas pessoas têm acesso a um celular e podem fazer gravações em vídeo em qualquer lugar. Essa já é uma prática que acontece naturalmente nessa comunidade linguística que desde o avanço da tecnologia sempre utilizou a gravação em vídeo como forma de comunicação e expressão. Essa prática teve um crescimento ainda maior com o surgimento das redes sociais e do YouTube, em que é possível encontrar gêneros textuais em vídeos das mais diferentes categorias, tais como histórias, piadas, entre outras. Os surdos do Uruguai já entendem com clareza a importância dos registros em vídeo e rapidamente difundiram essa prática.

Já existem hoje escolas bilíngues para surdos no Uruguai que utilizam da textualidade diferida e têm em seus arquivos diversos textos em gravação em vídeo. Cada vez mais são produzidos e arquivados esses materiais, gerando um grande acervo de registros em língua de sinais.

A partir da noção de textualidade diferida, foi possível realizarmos a elaboração da coleta de sinais e o posterior registro foi feita através de uma pesquisa com a busca de sinais de termos utilizados por alunos, tutores e professores de cada polo e gravados em vídeos para o registro desses sinais, assim como a sua disseminação e uso. Isso corresponde à textualidade diferida, oportunizando a formação de profissionais em diversos contextos e na inclusão e desenvolvimento da política educacional. O material possibilita a busca do sinal e a criação de estratégias pedagógicas para apresentá-lo para os alunos, professores e pesquisadores interessados na área, como também auxilia na tradução e interpretação de um texto, em que os termos relacionados a esses polo são utilizados, com mais facilidade e organização de trabalho.

### **3. Procedimentos para a obtenção de sinais já estabelecidos e para o seu registro**

Com o intuito de romper barreiras geográficas, levando educação de qualidade para todo o Brasil, o Curso de Pedagogia na perspectiva bilíngue a distância do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), buscando a integração de alunos surdos e ouvintes, conta com 13 polos espalhados pelas cinco regiões do Brasil, sendo que o polo

base está localizado no Rio de Janeiro, nas dependências do INES, onde é produzido todo o material referente ao curso.

Figura 1 - Cinco regiões



A observação do mapa nos ajuda a delimitar as localidades dos polos distribuídos segundo as cidades e instituições por região:

Região Norte: UFAM e UEPA.

Região Nordeste: UFC, UFPB e UFBA.

Região Centro-Oeste: UFGD e IFG.

Região Sudeste: INES, UFLA e IFSP/UNIFESP.

Região Sul: IFSC/ASGF, UFPR e UFRGS.

Além da inserção do mapa, que indica a presença do INES nas cinco regiões geográficas, consideramos relevante inserir os sinais-termo de cada um dos polos. A utilização da noção “sinal-termo” se dá por tratar-se de área específica, ou seja, a terminologia usada para os locais onde estão situados os polos do Curso de Pedagogia a distância do INES. Segundo Faulstich (2014), a palavra sinal não é a melhor opção para essas necessidades de uso.

Para melhor compreender a criação desse termo novo, é preciso ver os significados de sinal e sinal-termo separadamente: como aparecem no glossário sistêmico de léxico terminológico, em elaboração, transcrito a seguir:  
Sinal.

1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais.
2. Propriedades linguísticas das línguas dos Surdos.

Nota: a forma plural Sinais - é a que aparece na composição língua de sinais.  
Termo.

1. Palavra simples, palavra composta, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas especializadas do conhecimento e do saber. Também chamado unidade terminológica (FAULSTICH, 2014, p. 4).

À exceção de três polos, Rio de Janeiro (INES), Santa Catarina (IFSC) e Lavras (UFLA), os polos têm sinal, mas carecem da produção de material imagético, que viria a facilitar a comunicação entre os alunos e professores. Assim, a criação de um glossário é ferramenta importante a ser agregada ao material já disponível na plataforma. Como Faulstich (2012) relata:

O vocabulário é ampliado ou enriquecido à medida que o falante aumenta sua convivência sociocultural, lê obras diversificadas e procura indagar metodicamente o significado de palavras desconhecidas. Nesse caso, o dicionário é um importante documento de consulta, que auxilia o usuário a compreender os significados das palavras e a aprender os significados de outras que não fazem parte de seu vocabulário, para então usá-las com propriedade (FAULSTICH, 2012, p. 2).

Como qualquer língua viva, a Libras está em constante mudança para adequar-se às diversas necessidades comunicativas da sociedade onde é utilizada. O significado dos sinais é passível de alterações, bem como pode ter seu uso ampliado ou restrito, de acordo com seu uso social, sendo o elo entre o contexto e a comunidade, ligado ao comportamento de seus usuários, “contribuindo para o aprofundamento da teoria

linguística e para o aprimoramento de suas aplicações sociais na vida da comunidade surda” (LEITE; QUADROS, 2014, p. 16).

Cabe frisar que o registro dos sinais se dá por meio de fichas que são analisadas em suas relações linguísticas e culturais. Assim são validadas, ou, se necessário, adequadas à gramática da Libras. Segundo Costa (2012, p. 56),

É preciso verificar as situações e os contextos em que são produzidos os significados e reconhecê-los dentro do campo lexical, com a percepção da ideologia que gera a formação de sinais e palavras – essa metodologia é possível, conforme as principais teorias sobre o assunto.

Para o registro da Libras, Castro Júnior (2011) faz importante observação, já que se trata de uma língua independente da Língua Portuguesa.

Assim sendo, não se pode limitar a criação, a formação e a conceituação dos sinais apenas à forma ou a representação visual do sinal, é preciso analisar também a construção mental do signo para que a LSB seja caracterizada como uma língua de modalidade viso-espacial. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas, com base na construção mental que os Surdos têm do mundo (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 43).

Diante do exposto, fica claro que os cinco parâmetros<sup>5</sup> da Libras auxiliam de forma importante o registro dos sinais, por sua característica viso-espacial, bem como a mudança de processos linguísticos na gramática da Libras, alcançando os níveis morfológico, sintático e semântico. Para o parâmetro CM (configuração de mão) será usada a tabela do INES.

Figura 2 - Configuração das mãos



<sup>5</sup> Os cinco Parâmetros (movimento) e E

P

), O (orientação), M

1-20

Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2015.











Uma das estratégias adotadas para iniciarmos a coleta dos sinais dos polos do curso de pedagogia foi contatar diretamente os tutores, coordenadores de cada polo e alunos via WhatsApp. Assim, obtivemos os sinais específicos dos polos. A partir dos dados recebidos, foram organizadas tabelas com as seguintes colunas: nome específico do polo, descrição, links do YouTube e QR code. Os sinais dos polos foram listados, sendo que cada registro passou por três etapas.

- 1) Os sinais dos 13 polos foram agrupados: UFAM, UEPA, UFC, UFPB, UFBA, UFGD, IFG, INES, UFLA, IFSP/UNIFESP, IFSC/ASGF, UFPR e UFRGS.
- 2) Os sinais foram registrados em vídeos, os quais foram depois carregados no YouTube. Em seguida, realizou-se o processo de criação do acesso e a associação do vídeo ao QR Code.
- 3) Por último, todos os sinais foram registrados em fichas contendo informações em português, incluindo a descrição, o link de acesso ao vídeo no YouTube com a reprodução do sinal e o QR Code.









Em síntese, os sinais-termo referentes a cada polo foram organizados em um quadro para melhor apresentar sua classificação (SOUSA, 2019), a descrição do sinal produzido. Ademais, buscou-se inserir link do vídeo referente a cada sinal-termo.

Quadro 1 – Estrutura da formação dos sinais de polos

| Termo específico  | Descrição   | Código QR/ Link do Youtube   |
|---|---|--|
|  <p style="text-align: center;"><b>POLO</b></p>      | <p>Mão esquerda aberta, dedos separados (CM 05) para esquerda, para cima, mão esquerda como em negativo (CM 68), para frente, com o polegar para baixo, tocando a palma da mão aberta.</p>                                      |  <p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/VyY0-6SsLiE">https://youtu.be/VyY0-6SsLiE</a></p>   |
|  <p style="text-align: center;"><b>INES</b></p>     | <p>As duas mãos polegar, médio e anelar fechados, indicador e mínimo estendidos (CM 61), mão esquerda para a direita, direita para esquerda, tocando os indicadores e os dedos mínimos, batendo rápido.</p>                     |  <p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/sW-eqfcYhg8">https://youtu.be/sW-eqfcYhg8</a></p>  |
|  <p style="text-align: center;"><b>UFLA</b></p>    | <p>Mão direita com polegar, médio e anelar fechados, indicador e mínimo estendidos (CM 61), para a direita, mão direita em D (CM 53) para a esquerda, tocar mão esquerda no polegar, movimento semicircular para a direita.</p> |  <p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/GG0IQBldfB0">https://youtu.be/GG0IQBldfB0</a></p> |
|  <p style="text-align: center;"><b>UNIFESP</b></p> | <p>As duas mãos em M (CM 78), mão direita para esquerda e mão esquerda para direita, movimento retilíneo para cima, unir pelas pontas os dedos (CM 08) em movimento para cima, em seguida movimento para baixo.</p>             |  <p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/u2QeTrrhGds">https://youtu.be/u2QeTrrhGds</a></p> |

|  |   |  |
|--|---|--|
|  <p><b>UFPPB</b></p>  | <p>As duas mãos em 3 (CM 78) para dentro, a direita sobre a esquerda, mão direita movimento para baixo e para a direita.</p>  |  <p><a href="https://youtu.be/owv2L0_Kbro">https://youtu.be/owv2L0_Kbro</a></p>   |
|  <p><b>UFC</b></p>    | <p>As duas mãos abertas (CM 05), dedos separados, para fora, os polegares unidos, movimento semicircular para baixo e para os lados.</p>  |  <p><a href="https://youtu.be/9seVGKM80wM">https://youtu.be/9seVGKM80wM</a></p>   |
|  <p><b>UFBA</b></p>  | <p>Duas mãos, polegares, indicadores e dedos médios esticados (CM 25), mão direita para fora e para cima, mão esquerda para dentro e para baixo. Polegares se tocando</p>   |  <p><a href="https://youtu.be/5JpW-MBhxww">https://youtu.be/5JpW-MBhxww</a></p>  |
|  <p><b>IFG</b></p>  | <p>Mão esquerda em I (CM 65) para direita, mão direita em F (CM 19), para esquerda, o polegar direito bate 3 vezes no dedo mínimo esquerdo rapidamente.</p>   |  <p><a href="https://youtu.be/kElupfR7bOw">https://youtu.be/kElupfR7bOw</a></p> |
|  <p><b>UFGD</b></p> | <p>Mão esquerda em U (CM 21), para frente, mão direita em D (CM 53) para frente, os dedos polegar, indicador e médio tocando o dorso da mão esquerda, movimento semicircular para frente, virando a mão, os dedos fechados batem uma vez.</p> |  <p><a href="https://youtu.be/O2g5phmCYV">https://youtu.be/O2g5phmCYV</a></p>   |



|   |  |  |
|---|--|--|
|  <p>UFPR</p> <p>UFPR</p>   | <p>As duas mãos em 3 (CM 78), para frente, movimento para os lados, depois para baixo.</p>   |  <p><a href="https://youtu.be/sn4OlldbVSA">https://youtu.be/sn4OlldbVSA</a></p>   |
|  <p>UFGRS</p> <p>UFGRS</p> | <p>Mão esquerda espalmada (CM 5), dedos abertos balançando, mão direita com a palma curvada, dedos indicador, médio, anelar e mínimo unidos (CM 10), colocar a mão esquerda entre os dedos da mão direita.</p>                             |  <p><a href="https://youtu.be/xrDleo8SOWw">https://youtu.be/xrDleo8SOWw</a></p>   |
|  <p>IFSC</p> <p>IFSC</p> | <p>Mão esquerda espalmada, dedos separados (CM 05), para baixo, mão direita em 2 (CM 54) para frente, tocando a palma da mão esquerda, movimento para baixo girando para dentro e oscilando.</p>   |  <p><a href="https://youtu.be/zlen1PKqU1k">https://youtu.be/zlen1PKqU1k</a></p> |
|  <p>UEPA</p> <p>UEPA</p> | <p>Mão esquerda espalmada, dedos fechados (CM 02) para direita, mão direita dedos médio, anelar e mínimo fechados, indicador e polegar esticados, para a esquerda, dedos indicador e polegar abrindo e fechando em movimento de pinça.</p> |  <p><a href="https://youtu.be/eWym3Gy-y3c">https://youtu.be/eWym3Gy-y3c</a></p> |



|   |   |   |
|---|---|---|
|  | <p>Mão direita, dedos médio e mínimo fechados, polegar, indicador e médio esticados e separados (CM 26), para frente, unir as pontas dos dedos em movimento de pinça, para baixo.</p> |  |
| <p><b>UFAM</b></p>  |   | <p><a href="https://youtu.be/mXNaKIoJoyE">https://youtu.be/mXNaKIoJoyE</a></p>      |

Fonte: A autora, 2021.

Atualmente, o registro dos sinais é mais eficiente devido ao avanço tecnológico e ao desenvolvimento de métodos de ensino e aprendizado mais eficazes. É igualmente essencial registrar os sinais específicos dos polos do curso de Pedagogia.

Ao trazer a descrição dos sinais, bem como a imagem, dos treze polos em um único documento, esse breve glossário busca facilitar a pesquisa de alunos e professores, pois os poucos polos que possuem imagem já registrada estão dispersos na internet, demandando tempo e esforço para a sua busca. Uma organização com *links* do YouTube e acessível por código QR, certamente, promove a disseminação dos sinais também para intérpretes.

## 5. Considerações finais

O INES tem trabalhado pelo reconhecimento do valor linguístico da Libras, sendo também um campo de pesquisa e validação do uso da Língua, contando com 13 polos espalhados pelo Brasil. Assim sendo, tem buscado avaliar as variações linguísticas regionais, compará-las e validá-las, transmitindo valores e conceitos através de seu curso, fortalecendo a aquisição da identidade surda pelo aluno surdo e o respeito pelo aluno ouvinte.

Em grande medida tem sido uma instituição que busca divulgar suas pesquisas e produções culturais e acadêmicas. Neste sentido, a difusão dos sinais dos 13 polos coletados é extremamente relevante. Os alunos, professores e intérpretes necessitam de suporte nas universidades, com o uso de recursos visuais que verdadeiramente promovam a acessibilidade para a comunidade surda.

Segundo McCleary (2008, p. 32, 33), a mudança lexical ocorre à medida que a cultura se desenvolve e o conhecimento científico-tecnológico avança, resultando em

mudanças linguísticas. Embora possa causar desconforto para alguns, esses fenômenos são naturais e necessários para a evolução da língua.

O objetivo da pesquisa foi buscar as características da textualidade diferida em Libras e como a teoria e suas metodologias trazem contribuições pedagógicas, acreditando na prática e sua relação com a comunidade linguística. As gravações em vídeo são evidências que nos possibilitam a busca de sinais utilizados por polos e coletar esses sinais, que são encontrados no YouTube, por exemplo, e registrar esses sinais para que sejam disseminados e utilizados. Essa prática é fundamental para ampliação do vocabulário dos surdos e lhes possibilita compreender seus conceitos. Para os intérpretes, esses sinais irão contribuir no processo tradutor de textos que serão gravados em vídeo. A textualidade diferida é realizada a partir de tecnologia e acontece de forma natural dentro da comunidade surda, trazendo um lugar de poder para a língua de sinais. A tecnologia contribui para o desenvolvimento da Libras, como contribui para estratégia de práticas pedagógicas e para o trabalho do tradutor intérprete de Libras.

Os sinais associados aos polos do curso de pedagogia do INES, que abrangem materiais visuais como vídeos no YouTube e QR codes, tornam-se cada vez mais indispensáveis para assegurar que a comunidade linguística surda tenha acesso aos recursos tecnológicos.

## Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e de outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 25 abr. 2002.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de Sinais – Libras. Brasília, 22 dez 2005.

BRITO, L F. A Comparative Study of Signs for Time and Space in São Paulo and Urubukaapor Sign Language. In: W. Stokoe & V. Volterra (ed.), SLPR' 83. **Proceedings of the 3rd.** International Symposium on Sign Language Research, Rome, June 22-26, Rome & SiverSpring: CNR & Linstok Press, 1983.

\_\_\_\_\_. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais.** 2013. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Variação linguística em língua de sinais brasileira - foco no léxico.** Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

CAMPELLO, A. R.; PRATES, M. P. G.; ABREU, A. C. Professores de Libras: quem ensina? *In: III ENCONTRO NACIONAL DOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR*, 3., 2018, Uberlândia. **Anais**. Uberlândia: UFU, 2018.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclolibras**. 2012. 151 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FAULSTICH, E. **Glossário de termos empregados nos estudos da Terminologia, da Lexicografia e da lexicologia**. Inédito, Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm). Brasília: UnB, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sinal-Termo**. Nota lexical. [S.l.]: Centro Lexterm, 2014.

LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cad. CEDES*, v.19, n.46, p. 68-80, 1998.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. *In: STUMPF, M. R.; LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. (org.). Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação*. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

McCLEARY, L. **Sociolinguística**. (Desenvolvimento de material ou instrucional –Curso de Letras – LIBRAS à distância. Desenvolvimento de material de didático). 2008.

PELUSO, L. **Textualidad diferida y videgrabaciones en LSU: un caso de política lingüística**. *Revista digital de Políticas Linguísticas*. Año 6. Volumen: 6 (16-37), Setiembre 2014. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/RDPL/article/view/8699>. Acesso em: 05 mar. 2024.

\_\_\_\_\_. **Los Sordos, sus lenguas y su textualidad diferida**. *Traslaciones: Revista latinoamericana de Lectura y Escritura*, v. 5, n. 9, p. 40-61, 2018. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/traslaciones/article/view/1311>. Acesso em: 05 mar 2024.

QUADROS, R. M. **Língua de herança: língua brasileira de sinais**. Porto Alegre. Penso, 2017.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2011.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, v. 1, p. 1–10, nov. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3837>. Acesso em 29 mar. 2024.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado –Linguística Aplicada/Libras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2019.

STOKOE, W. **Sign and Culture**: A reader for students of American sign language. Silver Spring: Listok Press, 1960.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Secretaria de Estado de Educação Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.